

O Ácaro Misterioso



D. Rosa com o seu aspirador e Jeremias com o seu computador.
Desenho de José Abrantes para o livro «Jeremias, CONSULTOR»

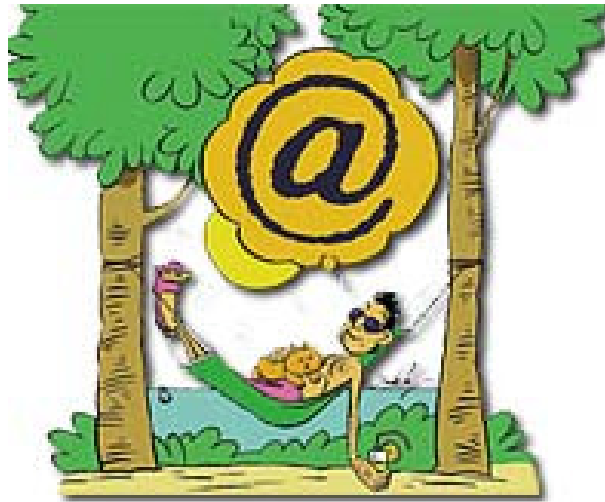
Jeremias nunca tinha chegado a conhecer pessoalmente o tal Dr. Salvador¹, que, embora ostentando esse mais do que duvidoso título de «Doutor», *fazia pela vida* trabalhando como «consultor».

Ora – diga-se aqui para quem o ignora – um *consultor* é uma pessoa que sabe muito acerca de determinados assuntos (ou, pelo menos, *julga* que sabe...) e se propõe (mediante pagamento, é claro), ajudar alguém. O seu alvo são, em geral, as empresas, e quem leu o livro «Jeremias, CONSULTOR», pode ver que também o nosso herói se dedica, de vez em quando, a essas lucrativas actividades.

Pois bem: a limpeza do escritório desse cavalheiro era feita pela D. Rosa, que, como se sabe, era igualmente a responsável pela higiene da Makro-Teknika de Jeremias. E foi por intermédio dessa prestável senhora que o nosso amigo veio a saber que o tal Salvador tinha posto à venda o seu fabuloso carro dos *anos 50*, um gigantesco Cadillac como só se vê nos filmes americanos!

¹ Trata-se da mesma pessoa que aparece referida no capítulo anterior, «Novamente o Rei da Batata!». As *Aventuras de Salvador, o Consultor* estão disponíveis em www.janelanaweb.com/humormedina em «Colaborações na VALOR» - revista onde foram publicadas, semanalmente, durante mais de um ano.

Ora esse patusco indivíduo, tendo-se ausentado por tempo indeterminado, deixara o espantoso automóvel ao cuidado do marido da D. Rosa (motorista profissional) com indicação de que o vendesse pela melhor oferta... e ficasse com o dinheiro!



Salvador a descansar – Desenho de José Abrantes para «Salvador, o Consultor»

Mas o certo é que era difícil arranjar comprador, pois o carro levantava inúmeros problemas:

Antes de mais, o seu estacionamento. Sim, porque ele ocupava (pelo menos!) dois lugares na rua, e o seu dono estava constantemente a ter desagradáveis discussões com os fiscais da empresa de estacionamentos (que não se conformavam que ele pagasse apenas um bilhete simples!).

Em segundo lugar, o consumo: mais de 50 litros por cada 100 km davam cabo das finanças de qualquer pessoa! Aliás, ultimamente, e quando tinha de se deslocar, Salvador fazia variar o preço das suas consultas em função do da gasolina! Diga-se, em abono da verdade, que o carro consumia qualquer combustível que se lhe metesse no depósito, desde gasolina ou petróleo... até aguardente, *whisky* ou mesmo água-de-colónia!

Em terceiro lugar, a irritante fumarada que deitava por todos os lados, e não só pelo tubo de escape!

Em quarto lugar, a dificuldade em «pegar». Muitas vezes, nem a pontapé o motor arrancava, pelo que era conveniente deixá-lo sempre estacionado numa descida, o que nem sempre era possível.

Em quinto lugar, não era fácil (nem barato) arranjar peças para ele. Mas isso não era problema para o Salvador que, na sua oficina, era capaz de fazer de tudo e mais alguma coisa - excepto notas de banco.

Por fim, a quantidade incrível de acessórios instalados: por dentro, o carro era uma verdadeira exposição de tudo o que se possa imaginar de novas e velhas tecnologias! Computadores, *scanners*, *modems*, impressoras, máquinas de telefax... eu sei lá! Até tinha uma ligação à Internet através de uma antena parabólica que se podia colocar no tejadilho fixando-a com fita-gomada!

Claro que isso não era problema para quem, como o nosso Jeremias, se interessava, precisamente, por essas coisas. Só seria aborrecido para as pessoas «normais» que quisessem utilizar o carro como meio de transporte, dado que teriam de retirar essa tralha que ocupava quase todo o espaço (incluindo o porta-bagagens!) e estava bem aparafusada à estrutura do automóvel.

Ah! Havia ainda um último problema, a pintura, pois o seu dono, como se pode ver pela imagem, pintara nele, e por todo o lado, alusões àquilo que chamava «O Ciberespaço Ambulante», expressão que não lembraria a ninguém!

Como se está mesmo a ver, a D. Rosa lembrou-se que o seu jovem patrão poderia estar interessado em ficar com o carro. Talvez não se sentisse muito à-vontade para andar com ele na rua, mas, pelo menos, podia aproveitar todo o conteúdo.

E ele aceitou!

Foi assim que, no dia seguinte (e no meio do espanto geral dos funcionários da Makro-Teknika), o marido da D. Rosa apareceu com o fabuloso veículo que, com grande dificuldade, estacionou no parque da empresa.



Jeremias foi então vê-lo, todo entusiasmado. Abriu a enorme porta, sentou-se ao volante, e a primeira sensação que teve foi sentir-se muito pequenino... Depois, quase a medo, ligou o motor, deu um pequeno toque

no acelerador (a que chegou com alguma dificuldade), e ficou por momentos a apreciar o espantoso som daqueles gigantescos cilindros.

Depois de observar, maravilhado, todos os instrumentos do *tablier*, saiu, abriu uma porta de trás e a bagageira, e extasiou-se com a quantidade de coisas que para ali estavam. Havia de tudo, desde um crânio de leão, um bolo-rei e um urso de peluche, até uma antiquíssima máquina de costura e um triciclo sem um roda (estes últimos com uma etiqueta a dizer: «Perigo! Material de investigação! Só mexer se estiver devidamente autorizado!»).

O motor continuava a trabalhar, e foi preciso desligá-lo devido à intensa fumarada que libertava! Como é que aquela maquina teria passado nas inspeções obrigatórias? Se calhar estava isento, por ser já um carro antigo...

Mas foi a D. Míldia, que mal fechava a boca (de espantada com o que via), quem chamou a atenção para uma outra coisa importante: em ambos os guarda-lamas da frente estava pintada uma estranha inscrição:

ACARO

O que significaria isso?!

Um ácaro é um minúsculo animal que se encontra nas alcatifas e nos cobertores e é responsável por inúmeras alergias. Mesmo faltando o acento no «A» (que às vezes se omite quando se escreve em maiúsculas), que maluquice seria essa?! Pelos vistos, e na dúvida, Jeremias teria de mandar apagar essa inscrição de significado desconhecido e gosto muito duvidoso.

E foi nessa altura que o marido da D. Rosa interveio:

- Quando o Dr. Salvador me deu o carro, eu também pensei em apagar estas letras todas. Mas a minha mulher disse-me que o Sr. Engenheiro podia querer comprá-lo e deixá-lo assim, pelo que achei melhor não fazer nada sem falar consigo.

- Além disso – interrompeu a boa senhora –, tenho uma vaga ideia de que sei o que quer dizer. Trata-se de uma Associação que o Dr. Salvador criou, mas de que ele era o único sócio. Eu falava-lhe muitas vezes do Sr. Engenheiro Jeremias, e ele dizia que, quando o encontrasse, havia de o convidar para ser o Sócio N.º 2.

E, olhando para a placa e procurando puxar pela memória, foi tentando decifrar, lentamente e em voz alta:

- Não garanto, mas julgo que é: «Associação dos Consultores Ambulantes - Rigor e *Onestidade*»...

NOTA MUITO IMPORTANTE:

Dado que a ortografia correcta é *Honestidade* (com H!!!), e supondo que o Salvador não era analfabeto, qual seria, então, a última palavra, começada por «O»?

Aqui fica, pois, esse desafio para os leitores:

Escrevam para jeremias@jeremias.com.pt e dêem o vosso palpite!